

Caso Marielle: suspeitos presos e isolados no DF

“Suel” em Brasília para não virar arquivo morto

Preso depois de ser entregue por comparsa no assassinato da vereadora, ex-bombeiro ficará no presídio de segurança máxima

VINICIUS DORIA

O ex-bombeiro Maxwell Simões Corrêa, o “Suel”, apontado como um dos intermediadores da contratação do assassino de Marielle Franco, cujos disparos mataram também o motorista da vereadora, Anderson Gomes —, chegou ontem a Brasília, onde ficará preso na Penitenciária Federal (PF) de segurança máxima, próximo ao Complexo da Papuda. Ele foi preso na segunda-feira, em casa, na Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e é considerado um elo forte de um crime que se arrasta há cinco anos em busca de elucidação.

A princípio, “Suel” ficará no PFBr até que a Justiça e o Ministério Público decidam o melhor lugar para mantê-lo fora do alcance do crime organizado. O temor das autoridades é que ele tenha o mesmo fim de Edilson Oliveira da Silva, o Macalé, sargento reformado da Polícia Militar que foi executado em 2021, em plena luz do dia, em Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Macalé seria outro dos intermediários entre Ronnie Lessa, o homem que fez os disparos contra Marielle e Anderson, e o mandante do crime — que ainda é desconhecido. Além disso, o ex-sargento da PM também teria levantado informações sobre a rotina da vereadora, que seriam para a preparação da emboscada.

Mercado

An delator formalmente Ronnie Lessa como executor da vereadora e do motorista, o ex-policia militar Elcio de Queiroz passou a ser, para o Ministério Público do Rio de Janeiro (MP RJ) e a Polícia Federal (PF), uma testemunha marcada para morrer. Ele era o motorista do Chevrolet Cobalt prata de onde partiram os disparos fatais. Está preso desde 2019 e foi transferido para Brasília em junho, depois

Reprodução de vídeo/Polícia Federal



“Suel” desembarca em Brasília, escoltado pela PF. Ex-bombeiro seria um dos elos entre o contratante e o matador de Marielle e Anderson

Reprodução/Polícia Militar



A seta para cima mostra Macalé segundos antes de ser morto pelo atirador no carro indicado com a seta para baixo

se viu abandonado pelos antigos parceiros. “É uma pessoa marcada para morrer. É peixe pequeno na organização (criminoso), não tem importância do ponto de vista político. Mas pode ajudar a entregar (os mandantes)”, afirma o acadêmico. Testa não considera presídios como lugares seguros para preservar a vida do delator, já que, na maioria das unidades do país, os detentos seguem ordens das principais facções criminosas do Rio de Janeiro e de São Paulo — o Comando Vermelho e o Primeiro Comando da Capital (PCC), respectivamente. “Ele deveria ficar sob a guarda do Estado em um quartel da PM ou do Exército”, aconselhou Testa.

Carro próprio

A primeira prisão decorrente da delação premiada de Elcio foi a de “Suel”, no âmbito da Operação Elpis. Em 2020, ele foi condenado a quatro anos de prisão por atrapalhar as investigações do assassinato e cumprir a pena em regime aberto.

Segundo Elcio, “Suel” cedeu o próprio carro para armazenar o arsenal de Ronnie Lessa. Depois, um de seis comparsas, Ineslindo Freitas — o Djaca —, jogou no mar a arma usada para atirar em Marielle e Anderson.

Elcio afirmou à PF que recebeu, durante meses, pelo menos R\$ 5 mil de “Suel”, dinheiro que o ajudava a atravessar a crise B. A delação premiada de Elcio, que, a partir da delação premiada de Elcio, passaram a ser alvos de retaliação do crime organizado. Investigações do MP RJ, da PF e da Polícia Civil fluminense apontam ligações do ex-PM e “Suel” com milícias e esquadrões da morte que atuam na Zona Oeste e na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Para o cientista político e especialista em segurança pública Antônio Flávio Testa, o instinto de sobrevivência deu o tom da delação premiada de Elcio, que

de passar pelas unidades prisionais de Mossoró (RN) e de Porto Velho (RO). Sob vigilância severa, Elcio ocupa uma cela individual e tem pouco contato com outros presos.

Os remanejamentos para complexos penitenciários fora do Rio fazem parte da estratégia de proteção dos suspeitos, que, a partir da delação premiada de Elcio, passaram a ser alvos de retaliação do crime organizado. Investigações do MP RJ, da PF e da Polícia Civil fluminense apontam ligações do ex-PM e “Suel” com milícias e esquadrões da morte que atuam na Zona Oeste e na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Para o cientista político e especialista em segurança pública Antônio Flávio Testa, o instinto de sobrevivência deu o tom da delação premiada de Elcio, que

MP nega termos do acordo de delação

O Ministério Público do Rio de Janeiro negou que tenha oferecido, na delação premiada do ex-policia militar Elcio de Queiroz — que confessou ter dirigido o Chevrolet Cobalt prata usado no assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes —, vantagens como redução de pena e não julgamento por um tribunal do júri. Segundo nota do MP RJ, reitor do Tribunal do Júri a prerrogativa de julgar um acusado de homicídio “terria a própria Constituição da República, retirando dos jurados a competência que ali lhes foi assegurada”.

Em relação à possibilidade de uma punição mais branda ao delator em troca de informações estratégicas, o MP RJ assegurou que “o acordo não estipula nenhuma redução de pena, sendo certo que o colaborador cumprirá toda aquela que vier a ser fixada em futuro julgamento”.

O acordo de delação premiada fechado com Elcio está sob sigilo de Justiça. O MP RJ garante que não houve vazamento dos termos do documento, que não faz referência ao tipo de unidade prisional (estadual ou federal)

Foto: Anthony Neri/DFP



que pode ser mais adequada à segurança do ex-PM. Mas não comentou, na nota, a possibilidade de ingresso da família do delator em programas de proteção a testemunhas, item que faz

parte das negociações, conforme apontou o Correio. Fontes envolvidas na investigação confirmaram que a proteção dos parentes de Elcio foi uma das reivindicações que fez

para aceitar o acordo. Promotores de Justiça vagentes da Polícia Federal sabem que ele, ao romper o código de silêncio e denunciar os comparsas, passou a ser alvo — assim como à mulher

Vi de tudo nas últimas 24 horas: disparates jurídicos proferidos por incompetentes; comentários grosseiros na tevê; campanhas de desinformação via internet; reclamação pela presença da Polícia Federal nas investigações

Tuíte do ministro Flávio Dino, rebatendo críticas que recebeu de usar a prisão de “Suel” para se escafar politicamente

feitas à operação conjunta do MP e da PF que prendeu o ex-bombeiro Maxwell Simões Corrêa, o “Suel”, na segunda-feira, com base na delação de Elcio. Em sua conta no Twitter, Dino disse que ficou impressionado com “a quantidade de gente incomodada com o avanço das investigações do caso Marielle”. Ele foi acusado, em pelo menos duas emissoras de tevê, de estar usurpando a competência do aparato de segurança e judiciário fluminense para investigar o assassinato da vereadora e de seu motorista, e de aporrear o episódio da prisão de “Suel” para se escafar politicamente.

“Me impressiona, mas não me intimida nem desmotiva. Vi de tudo nas últimas 24 horas: disparates jurídicos proferidos por incompetentes; comentários grosseiros na tevê; campanhas de desinformação via internet; reclamação pela presença da Polícia Federal nas investigações. Sabem o que mudou no nosso caminho de luta? Nada”, publicou. (VD)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2